

VIRGINIA WOOLF EM TRADUÇÃO NO BRASIL: PARATEXTOS DE *MRS DALLOWAY* SOB UMA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DOS LIVROS

Myllena Ribeiro Lacerda*

- **RESUMO:** Por meio da análise das edições de *Mrs Dalloway* publicadas em português brasileiro entre 1946 e 2025, este artigo traça uma relação direta entre história da tradução no Brasil e a história editorial com base no circuito de comunicações delineado, inicialmente, por Robert Darnton (2010), a noção de campo literário internacional (Casanova, 2002a, 2002b) e a necessidade de considerar as editoras como agentes importantes para se pensar uma sociologia da tradução (Sapiro, 2008). O objetivo, portanto, é explorar uma perspectiva de análise de publicações que considere os paratextos como partes essenciais do ciclo de produção editorial, além da participação das/os tradutoras/es e autoras/es de textos de acompanhamento.
- **PALAVRAS-CHAVE:** História da Tradução. História Editorial. *Mrs Dalloway*. Virginia Woolf.

Introdução

Mrs Dalloway, publicado em maio de 1925, permanece influente e relevante em diversos idiomas e países mesmo cem anos após sua estreia. Uma das obras mais célebres de Virginia Woolf, o romance explora diferentes perspectivas, o tratamento do tempo e o uso abundante de discurso indireto livre na narrativa de uma forma que marcou a cena modernista na literatura de língua inglesa do início do século 20. Desde então, por meio de traduções, *MD* continua se perpetuando em novas vozes e novos formatos editoriais.

O centenário de publicação também marca quase oito décadas de traduções em português brasileiro das obras de Virginia Woolf. O lançamento do romance traduzido, em 1946, por Mario Quintana, inaugurou o que tem sido uma trajetória expressiva na história da tradução em termos editoriais do país, atravessando editoras, tradutoras/es, pesquisadoras/es e diferentes comentadoras/es da obra woolfiana.

* UnB – Universidade de Brasília. Instituto de Letras – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Brasília – DF – Brasil. 70910-900 – myllena.lacerda@unb.br

MD é a obra mais traduzida de Woolf no Brasil, totalizando onze traduções¹ publicadas em livro físico desde a década de 1940. Embora a primeira delas tenha sido lançada em 1946 e permanecido por 66 anos a única disponível em português brasileiro, uma série de novas traduções e edições foram publicadas ao longo do tempo. Em 2012, quando a obra woolfiana entrou em domínio público, várias editoras colocaram em prática esforços para atualizar a presença da autora no campo nacional – e muitas delas elegeram *Mrs Dalloway* como ponto inicial para esses projetos de publicação.

Em 2012, três editoras publicaram novas traduções: L&PM, com tradução de Denise Bottmann; Cosac Naify, com tradução de Claudio Alves Marcondes; e Autêntica, com tradução de Tomaz Tadeu. Alguns anos depois, em 2016, a tradução de Gabriela Maloucaze foi publicada pela Folha de S.Paulo, na coleção “Clássicos mundiais da literatura”, seguida por mais três traduções em 2021, entre elas uma da Martin Claret, feita a quatro mãos por Eliane Fittipaldi Pereira e Katia Maria Orberg; uma da Lafonte, de Adriana Buzzetti; e um box com romances de Woolf, publicados pela editora Novo Século, que incluiu uma nova tradução de *MD* feita por José Rubens Siqueira. Já em 2022, foram publicadas a tradução de Veríssimo Anagnostopoulos, pelo Clube de Literatura Clássica, e a de Thaís Paiva e Stephanie Fernandes, pela editora Antofágica. Por fim, em 2025, a editora Nós publicou a tradução de Ana Carolina Mesquita, em comemoração aos 100 anos do romance.

Como bem demonstrado pelo número expressivo de traduções de *MD*, a publicação da obra woolfiana no Brasil segue em expansão. Segundo levantamento de Lacerda (2024, p. 54), até o fim de 2023, 86 traduções haviam sido publicadas em livro no Brasil², além de inúmeras reedições e troca de casas editoriais que relançaram ou atualizaram traduções³. O crescimento do interesse pela obra de

¹ Devido ao escopo deste trabalho, que foca em editoras, projetos editoriais e paratextos, não estamos considerando publicações independentes em formato digital, isto é, *ebooks*, nem traduções já anunciadas, mas ainda não publicadas. Por esses motivos, embora tenhamos encontrado outras duas traduções, não incluímos aqui o trabalho de Sheila Koerich, pela Editora Duetos (livro disponibilizado desde 2020 na plataforma de autopublicação Kindle Direct Publishing, da Amazon) nem a tradução de Beatriz Guterman, pela editora Tordesilhas, a ser lançada em 15 de dezembro de 2025, data posterior à escrita deste artigo.

² O número indicado por Lacerda (2024) refere-se a publicações em formato de livro físico, contudo, Bottmann (2011, 2020) registra a tradução feita por Dias da Costa do conto “Objetos sólidos”, publicada em uma coletânea de contos ingleses em 1944, dois anos antes da publicação de *Mrs Dalloway*, em 1946. Além dessas publicações em coletâneas ou impressas, há de se reconhecer que o número é ainda maior se considerarmos os livros digitais publicados nos últimos anos – sobretudo publicações autônomas ou de editoras independentes que são disponibilizadas em sites especializados, como exemplificado na nota anterior.

³ As primeiras traduções dos romances de Woolf no Brasil, *Mrs Dalloway* (trad. Mario Quintana) e *Orlando* (trad. Cecília Meireles), foram publicadas pela Editora e Livraria Globo de Porto Alegre,

Woolf encontrou terreno fértil em 2012, após a entrada em domínio público, o que permitiu às editoras explorar a tradução tanto dos romances e contos quanto dos diários e ensaios. De acordo com essa mesma pesquisa, são mais de 50 pessoas dedicadas a traduzir a obra para o português brasileiro (Lacerda, 2024, p. 57) e apenas 25 traduções lançadas antes do período de direitos autorais válidos, ou seja, cerca de 70% das traduções realizadas foram publicadas desde 2012. E é justamente nesse período que encontramos a maior concentração de publicações de *MD*, que, até então, só havia sido traduzida por Quintana.

A tradução do escritor-tradutor foi amplamente publicada, estudada e lida. Até o momento, passou por três casas editoriais diferentes – Globo de Porto Alegre, Abril Cultural e Nova Fronteira – e recebeu uma série de reedições e novos aparatos paratextuais, incluindo troca de capa, inserção de apresentação escrita pela jornalista Marília Gabriela e até mesmo tornando-se parte de um box temático com outros romances de Woolf (*As ondas* e *Orlando*). A seguir, é possível observar as diferentes capas em algumas edições com a tradução de Mario Quintana.

Figura 1 – Editora e Livraria Globo de Porto Alegre, 1946

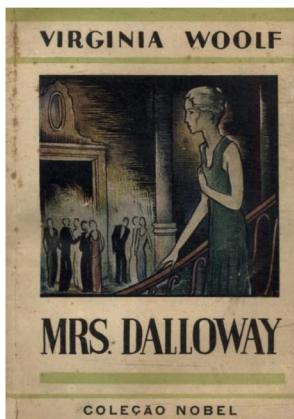


Figura 2 – Editora Abril, 1972

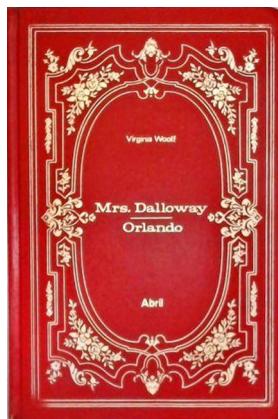
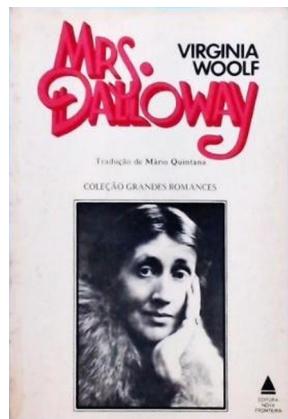


Figura 3 – Editora Nova Fronteira, 1980



mas tiveram seus direitos repassados às editoras Abril e Nova Fronteira nos anos 1970 e 1980, respectivamente. Outros casos merecem destaque, como as traduções de Claudio Alves Marcondes (*MD*) e Leonardo Fróes (contos e ensaios), publicadas pela Cosac Naify e, atualmente, editadas e publicadas pela Companhia das Letras, no selo Penguin-Companhia (*MD*, 2017), e Editora 34 (*Ensaios Seletos*, 2024; *Contos completos*, 2023).

Figura 4 – Editora Nova Fronteira, 2003

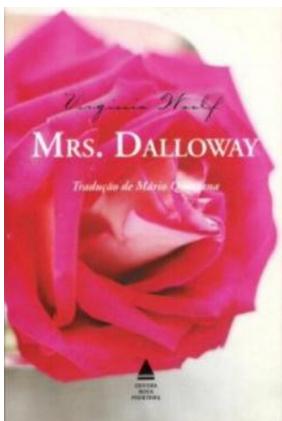


Figura 5 – Editora Nova Fronteira e Saraiva, 2011

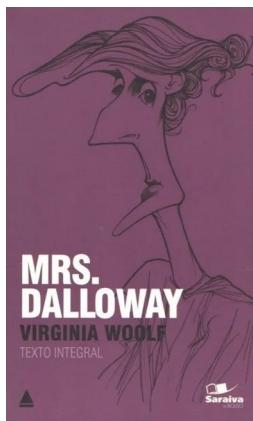


Figura 6 – Editora Nova Fronteira, 2015

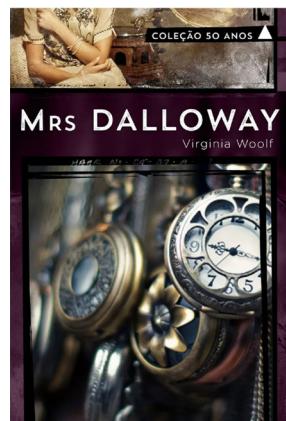


Figura 7 – Editora Nova Fronteira, 2017

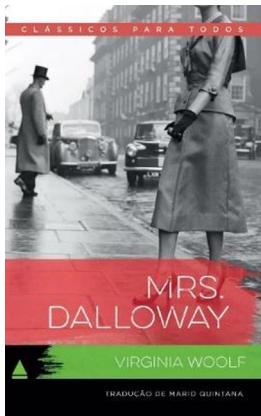


Figura 8 – Editora Nova Fronteira, Box “Grandes Obras”, 2020

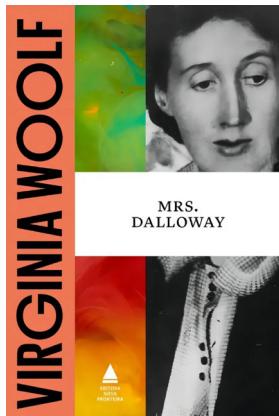
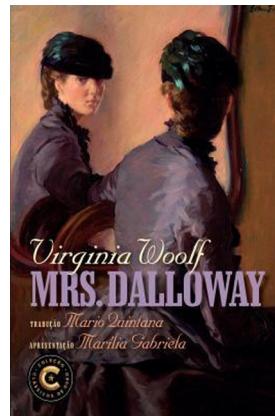


Figura 9 – Editora Nova Fronteira, 2021



A tradução de Quintana, como visto acima, recebeu uma série de novos projetos de publicação. Ficam evidentes as diferentes abordagens que celebram o nome do tradutor já na capa (edições de 1980, 2003, 2017 e 2021) ou que inserem a obra em coleções que atribuem prestígio, entre elas “Grandes Romances” (1980), “Clássicos para todos” (2017) e “Clássicos de ouro” (2021). Essas modificações não apenas incluem textos ou selos que celebram o romance e a autora, mas se voltam a diferentes públicos: diversos tamanhos e acabamentos, edições brochuras

ou com capa dura, e os mais variados preços⁴. As últimas três edições lançadas pela Nova Fronteira, por exemplo, têm formatos bem distintos entre si: a de 2017, em brochura, tem 18 x 12 cm; a de 2020, em capa dura, 24 x 16 cm; e a de 2021, em brochura, 24 x 17 cm⁵.

Interface entre História da Tradução e História dos Livros

Para além da tradução, tradutoras/es e escolhas tradutórias, um dos aspectos que podem contribuir para a construção de uma História da Tradução é examinar os paratextos e o projeto editorial de um livro. Segundo Gérard Genette, paratexto é “aquilo por meio do qual um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores” (Genette, 2009, p. 9, trad. Faleiros), ou seja, tudo o que traz materialidade ao texto, desde informações na capa, títulos e subtítulos, prefácios, notas e mesmo outros discursos externos ao texto, mas que passam a compor o livro. Para o autor:

definir um elemento de paratexto consiste em determinar seu lugar (pergunta *onde?*), sua data de aparecimento e, às vezes, de desaparecimento (*quando?*), seu modo de existência, verbal ou outro (*como?*), as características de sua instância de comunicação, destinador e destinatário (*de quem? a quem?*) e as funções que animam sua mensagem: *para quê?* (Genette, 2009, p. 12, grifos do autor, trad. Faleiros).

Além de analisar traduções e estratégias tradutórias⁶, o estudo de paratextos e, consequentemente, dos projetos editoriais podem auxiliar na compreensão de como as traduções são apresentadas ao público e os espaços ocupados por quem traduz. Assim, as informações coletadas a partir da análise dos paratextos colocam em evidência as estratégias de editoração e publicação, permitindo que pesquisadoras/es da História da Tradução entrevejam os desdobramentos de decisões editoriais e suas consequências sobre o texto traduzido. O foco desta análise, então, será o peritexto editorial, definido por Genette da seguinte forma:

⁴ Em junho de 2025, o site da Editora Nova Fronteira vendia a edição mais recente (coleção “Clássicos de Ouro”, 2021) por R\$ 49,90. Já o box, com três romances de Woolf, estava à venda por R\$ 154,90. Disponível em: <https://www.novafronteira.com.br/mrs-dalloway-11a-edicao> e https://www.novafronteira.com.br/produto/virginia-woolf_box.html. Acesso em: 20 jun. 2025.

⁵ Informações disponíveis no site da editora. Para a edição de 2017, não mais comercializada no site da Nova Fronteira, utilizamos os dados de outros livros de Woolf da mesma coleção, *Um teto todo seu* e *As ondas*. Disponível em: <https://www.novafronteira.com.br/produto/um-teto-todo-seu-cpt.html> e <https://www.novafronteira.com.br/produto/as-ondas-cpt.html>. Acesso em: 20 jun. 2025.

⁶ Um exemplo em relação a *MD* é a dissertação de Graebin (2016). A pesquisadora analisou quatro traduções do romance (Mario Quintana, Denise Bottmann, Tomaz Tadeu e Claudio Alves Marcondes), com foco nos aspectos estilísticos, além de discutir aspectos paratextuais das quatro edições.

Denomino *peritexto editorial* toda a zona do peritexto que se encontra sob a responsabilidade direta e principal (mas não exclusiva) do editor, ou talvez, de maneira mais abstrata porém com maior exatidão, da *edição*, isto é, do fato de um livro ser editado, e eventualmente reeditado, e proposto ao público sob uma ou várias apresentações mais ou menos diferentes. [...] trata-se do peritexto mais exterior: a capa, a página de rosto e seus anexos; e da realização material do livro, cuja execução depende do impressor, mas cuja decisão é tomada pelo editor, em eventual conjunto com o autor: escolha do formato, do papel, da composição tipográfica, etc. (Genette, 2009, p. 21, grifos do autor, trad. Faleiros).

Ao pensarmos nos projetos editoriais e, por consequência, como estes apresentam e dão espaço, visibilidade e voz a quem traduz, é possível refletir sobre a percepção existente sobre quem escreve e as motivações para a publicação. Esse aspecto se torna ainda mais relevante quando o que está em pauta é uma obra já amplamente traduzida e publicada, como no caso de *Mrs Dalloway*. Além disso, as abordagens editoriais de cada publicação dão pistas de como autoras/es e obras circulam, e mostram-se como um modo complementar de observar a tradução e sua circulação.

Robert Darnton (2008, 2010) sublinha a importância de se fazer uma história do livro, pois ela “se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante” (Darnton, 2010, p. 126, trad. Bottmann). Pensando nisso, o autor propõe o circuito de comunicações, no qual delineia um modelo do ciclo de vida do livro, destacando a importância de quem publica, distribui, lê e, em versões atualizadas (Bachleitner, 2009), traduz. A figura da editora ou do editor é de grande relevância para pensarmos os elementos paratextuais porque, ainda segundo Darnton, “[m]uito se aprenderia sobre as atitudes em relação aos livros e o contexto de sua utilização estudando a maneira como eram apresentados [...]” (Darnton, 2010, p. 141, trad. Bottmann) e, embora quem traduz seja responsável pelo surgimento da obra em outra língua, são as editoras – ou todas as pessoas participantes da cadeia editorial – que contribuem para a circulação dos bens culturais até que os livros cheguem às/-aos leitoras/es.

São diversos os agentes que participam desse ciclo, que atuam na seleção e produção do livro, bem como na materialização de uma tradução. Logo, podemos examinar essas contribuições, segundo Pascale Casanova (2002a), como uma forma de consagração e um modo de dominação no campo literário internacional. Afinal, compreender a participação dos agentes e o papel da tradução é também criar um mapeamento do campo literário e suas relações.

O caso de *MD* traduzido por Quintana corrobora a ideia de Casanova de que obras de “grande ruptura literária”, como o grande romance modernista inglês aqui discutido, tendem a ser traduzidas por escritores, que visam a “introduzir em sua

língua as obras da modernidade central (por aí mesmo, contribuem para perpetuar sua dominação)” (Casanova, 2002b, p. 170, trad. Appenzeller) e de que “[p]lus le prestige du médiateur est grand, plus la traduction est noble, plus elle consacre”⁷ (Casanova, 2002a, p. 17). Assim, não só a atuação de Quintana moldou um certo tipo de recepção de Woolf no Brasil, tendo em vista que o nome do escritor-tradutor recebeu destaque ao longo dos anos em diversas edições, como o poeta também foi responsável por transpor o romance para o português brasileiro, introduzindo uma estética e realizando sua literarização. Em termos de capital literário, podemos observar uma tendência de equalização na dinâmica: a obra de Woolf se beneficia por ser traduzida por um escritor-tradutor; e Quintana fica (ainda mais) consagrado por traduzir a obra de Woolf.

As trocas culturais e simbólicas no campo literário, portanto, perpassam a própria produção do livro. A fim de compreender a importância de uma tradução, Casanova (2002a, p. 9) define três pontos de análise em relação ao campo literário nacional e internacional: a posição das línguas envolvidas, ou seja, língua-fonte e língua-alvo; a posição da autora ou do autor; e “la position du traducteur et des divers agents consacrants qui participent au processus de consécration de l’œuvre”⁸. Vemos, mais uma vez, a ênfase dada não só a quem traduz, mas a quem produz o livro de uma forma mais ampla.

Nesse sentido, André Lefevere discute a importância da patronagem, isto é, “something like the powers (persons, institutions) that can further or hinder the reading, writing, and rewriting of literature”⁹ (Lefevere, 1992, p. 15). O autor ressalta o papel de instituições – e aqui podemos enfatizar as editoras – na seleção e disseminação de obras ou autoras/es, pois, em grande parte, são elas que determinam o texto, selecionam quem o traduzirá e fazem toda a produção do livro enquanto objeto material que será lido e disseminado entre leitoras/es, pesquisadoras/es, a crítica e mesmo instituições de ensino. O autor ainda afirma:

The selection process also operates within the entire oeuvre of a certain author commonly regarded as a classic. Certain books by certain authors that are staple of courses in institutions of (higher) education will be widely available, whereas other works written by the same author will be very hard to find except in painstakingly collected editions on library shelves.¹⁰ (Lefevere, 1992, p. 20).

⁷ “Quanto maior o prestígio de quem media, mais nobre é a tradução, mais consagrada ela é.” Todas as traduções, exceto quando indicadas na citação, são de minha autoria.

⁸ “a posição do/a tradutor/a e dos vários agentes consagradores que participam dos processos de consagração da obra.”

⁹ “[...] algo como os poderes (indivíduos, instituições) que podem promover ou deter a leitura, escrita e reescrita da literatura.”

¹⁰ “O processo de seleção também opera em toda a obra de algum/a autor/a já normalmente visto/a

Gisèle Sapiro (2008), de forma similar, se vale das contribuições de Pierre Bourdieu para traçar uma análise sociológica global da circulação de livros em tradução e ressalta o papel das editoras, tanto na publicação do texto original quanto em tradução. Para Sapiro, “[a] sociological approach to translation, considered as a social practice, thus need to take into account this category of agents”¹¹ (Sapiro, 2008, p. 154). É sob esse viés que a interface entre História da Tradução e História Editorial pode iluminar os aspectos que envolvem e, de certa forma, ditam a recepção das obras, além de como são percebidas e interpretadas frente ao público leitor e consumidor.

Análise paratextual de *Mrs Dalloway* no Brasil

Dentre as onze edições selecionadas para a análise, apenas uma foi publicada antes de 2012. Vemos, então, que, com a entrada da obra em domínio público, há um forte interesse das editoras em publicar a obra de Virginia Woolf no Brasil. Com o crescente número de livros, por vezes o mesmo título, sendo publicados quase simultaneamente, quem traduz, o tipo de livro e textos como prefácios ou introduções tornam-se um diferencial importante para cada uma dessas publicações. Sapiro (2008, p. 163) discorre sobre a importância da própria editora, da coleção e dos discursos de acompanhamento como uma maneira de construir significado para o texto traduzido. Dessa forma, podemos elencar as diferentes contribuições que são acrescentadas ao texto traduzido como uma maneira de diferenciá-los em meio a inúmeras opções no mercado.

A edição da Globo, com tradução de Quintana, não apresenta nenhuma introdução ou prefácio, contudo, a partir dos anos 2000 e sob os cuidados da editora Nova Fronteira, uma breve apresentação da jornalista Marília Gabriela passa a ser publicada junto à obra. Esse acréscimo acaba recebendo visibilidade, inclusive, na capa em edições mais recentes, lado a lado ao nome de Mario Quintana.

Essa tendência de adicionar aparatos textuais é perceptível se observarmos as edições pós-2012: à exceção da Folha de S.Paulo e da Lafonte, as demais incluem ao menos um tipo de discurso de acompanhamento, como introdução, prefácio ou posfácio – seja a introdução escrita por Virginia Woolf em 1925, “Uma introdução a *Mrs. Dalloway*” (como ocorre nas edições da L&PM, Autêntica e Nós), seja textos assinados por pesquisadoras/es, críticas/os ou tradutoras/es.

como um clássico. Certos livros de certos/as autores/as, que são essenciais em cursos em instituições de ensino (superior), estarão amplamente disponíveis, ao passo que outras obras da mesma pessoa serão de difícil acesso, a não ser em edições de obra completameticulosamente organizadas, dispostas em prateleiras de bibliotecas.”

¹¹ “Uma abordagem sociológica da tradução, tida como prática social, deve, então, considerar essa categoria de agentes.”

A edição da Cosac Naify inclui um prefácio do escritor argentino Alan Pauls; a Autêntica, dois textos de Tomaz Tadeu; a Martin Claret tem um prefácio e um posfácio assinado por uma das tradutoras, Eliane Fittipaldi Pereira, sendo o último deles intitulado “Sobre a dor e a delícia de traduzir *Mrs Dalloway*”. A editora Novo Século, que publicou *MD* em um box com outros romances, adiciona à parte um suplemento de leitura escrito por Maria Aparecida de Oliveira, professora da Universidade Federal da Paraíba e pesquisadora de Woolf¹². O livreto, “O discurso político e poético de Virginia Woolf” contém textos abordando os romances da coleção, entre eles *A viagem, Noite e dia, O quarto de Jacob* e *A sra. Dalloway*.

A edição publicada no Clube de Literatura Clássica tem prefácio de Rosalia Angelita Neumann de Garcia, professora titular aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul¹³, e um livreto com o conto “A festa de Mrs. Dalloway”. O último parágrafo de Garcia dedica-se a comentar o trabalho do tradutor e justificar uma das principais escolhas editoriais, a publicação bilíngue do romance:

Tão delicada é essa arte de escrever, de desvendar os segredos e tesouros da língua que, deve ter o leitor adivinhado, o tradutor de Woolf fica junto da autora enredado nas mesmas dificuldades. Obriga-o a procurar em português, como ela em inglês, a palavra ao mesmo tempo mais precisa e mais maleável; a que, significando com clareza o que se quer dizer em determinado contexto, possa ser utilizada em outro com outro significado, que evoque, como levando de volta a um ponto anterior de um ciclo, seu uso no contexto anterior. Na medida do possível trasladou-se ao português essa riqueza; como, não obstante, sentiríamos estar privando o leitor do pleno tesouro de *Mrs Dalloway* se não lhe oferecêssemos junto da tradução o original, decidiu-se fazer desta a primeira edição bilíngue do romance em língua portuguesa. (Garcia In Woolf, trad. Anagnostopoulos, 2022, p. 8).

O livro se diferencia de todos os outros devido à publicação nas duas línguas, com o texto em inglês no lado esquerdo e o em português no lado direito, isto é, espelhado. Contudo, segundo os comentários de Garcia, essa escolha fundamenta-se na sugestão de que a tradução pode ser algo insuficiente, pois estaria “privando o leitor do pleno tesouro” que é o romance em sua língua original. A proposição de incluir o romance em língua estrangeira pode suscitar em quem lê uma noção de que o texto de Woolf, em inglês, é algo quase inalcançável em português, e que a tradução não se sustenta por si só. Embora a escolha editorial seja inovadora

¹² Informação retirada da miniobiografia disponível no livreto. Também disponível no currículo Lattes de Oliveira. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2889350069897138>. Acesso em: 20 jun. 2025.

¹³ Informação retirada do currículo Lattes de Garcia. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/6849102979432387>. Acesso em: 20 jun. 2025.

no sentido de ser a única do tipo dentre as disponíveis no mercado brasileiro, as motivações relatadas no prefácio parecem contradizer, justamente, a razão pela qual propor uma nova tradução – ainda mais havendo várias outras publicadas nos anos anteriores.

Já a edição da Antofágica é a com mais contribuições assinadas por pessoas distintas: uma apresentação de Mellory Ferraz, produtora de conteúdos sobre literatura no YouTube; nota da ilustradora Sabrina Gevaerd; posfácio de Ana Carolina Mesquita, tradutora e pesquisadora de Woolf; e posfácio de Carola Saavedra, escritora e tradutora. Na edição em formato *pocket*, reeditada e publicada na coleção de bolso da editora em 2023, os textos são disponibilizados *on-line* por meio de um QR Code que aparece no fim do livro.

Finalmente, a edição da Nós¹⁴, publicada em comemoração aos 100 anos do romance em 2025, contém a introdução escrita por Woolf; uma apresentação escrita pela tradutora, Ana Carolina Mesquita, intitulada “Apresentação Ou: essa coisa chamada vida”; um apêndice com trechos dos diários de Woolf que fazem referência a *MD*, selecionados por Mesquita; uma nota sobre a tradutora; e um texto com agradecimentos, sendo estes dois últimos uma prática comum em outros títulos de Woolf publicados pela editora.

Com isso, é possível observar que, somado ao interesse editorial em publicar textos para além da tradução, há um esforço em alocar nomes que atribuem um valor adicional ao livro: professoras universitárias, pesquisadoras e leitoras da obra woolfiana, bem como reflexões que perpassam a leitura e o fazer tradutório. É interessante frisar, inclusive, o espaço que tradutoras/es têm para abordar o seu processo nas edições de *MD* no Brasil: Tadeu, Pereira e Mesquita traduzem e escrevem sobre o romance, por vezes comentando suas escolhas e estratégias tradutórias.

Na edição comemorativa relançada pela editora Autêntica em 2025, por exemplo, Tadeu escreve um novo texto, “Os cem anos de *Mrs Dalloway*”, muito embora omita outros textos nessa versão. Com a atualização, o tradutor acrescenta algumas notas logo no início, comentando interpretações do inglês, citando edições críticas do texto de Woolf (*Mrs Dalloway. The Cambridge Edition of the Works of Virginia Woolf*, com organização de Anne E. Fernald) e mesmo um livro nomeadamente sobre tradução (*Translating Style: A Literary Approach to Translation*, de Tim Parks).

No que se refere às notas de rodapé ou de fim, há uma variação considerável na quantidade ao longo das edições. A Globo, L&PM, Cosac Naify e Novo Século não apresentam notas. As demais edições apresentam notas de tradução, quase sempre

¹⁴ Parte deste artigo foi escrito antes do lançamento oficial da edição da Nós, e as informações aqui apresentadas foram gentilmente enviadas por Ana Carolina Mesquita via e-mail, a quem agradeço. Todos os dados foram confirmados posteriormente, com a publicação oficial do livro.

com N.T. (ou similares) junto ao texto ou alguma indicação de autoria de quem traduz. Em casos específicos, há indicação N.E. isto é, nota do/a editor/a. Assim, são muitas as ocorrências de notas, e apenas a Folha de S.Paulo/Maloucaze; Martin Claret/Pereira e Orberg; e Lafonte/Buzzetti têm um número inferior a cem — sete, trinta e treze, respectivamente¹⁵.

Um ponto curioso é que, apesar de a edição da Globo não apresentar notas para a tradução de Quintana, a edição mais recente da Nova Fronteira, na coleção “Clássicos de Ouro”, indica três notas de rodapé de autoria do tradutor. Vale ressaltar, porém, que a edição da Abril Cultural, de 1972, publicação na qual as notas aparecem pela primeira vez, faz a marcação com (N. do E.), ou seja, nota do editor. No mais, mesmo a Nova Fronteira numerando as notas ao longo do romance como 2 e 3, não há uma primeira. Uma possibilidade é que a nota da apresentação, marcada com um asterisco, esteja sendo contabilizada. Outra pista que corrobora essa teoria é que, na edição de 1972, somente essas duas notas estão presentes, com o mesmo texto e a mesma posição. Sendo assim, é possível que, durante a troca de direitos da tradução de Quintana para uma nova editora, as notas tenham sido atribuídas erroneamente ao tradutor, quando, na verdade, haviam sido incluídas no processo editorial da Abril.

Em relação às notas das/os editoras/es, temos instâncias ainda mais relevantes para se pensar a tradução e seleção dos textos. Na edição da Folha de S.Paulo, encontramos a seguinte nota no verso da folha de rosto: “A licença poética utilizada no texto pela autora foi preservada nesta edição. Por esse motivo, é possível notar algumas passagens em desacordo com a norma padrão do português brasileiro. (N.E.)”. É interessante notar que o “alerta” é assinado pelo/a editor/a (não nomeado) e não por Maloucaze, que assina as demais notas com N.T.

Outra ocorrência de nota de editor/a é o caso da Antofágica, apresentando logo na segunda ocorrência uma justificativa para o uso do título em inglês e a preservação de pronomes de tratamento e da toponímia em língua estrangeira:

Tradicionalmente, *Mrs. Dalloway* é publicado com o título em inglês. Nesta edição, optamos por mantê-lo assim e, consequentemente, mantivemos os pronomes de tratamento na língua original (“Mr.” para “Sr.” e “Mrs.” para “Sra.”). Uma vez que a cidade de Londres é uma personagem tão importante neste livro, também foram mantidos em inglês os nomes de lugares pelos quais os personagens passam (usamos “Street” para “Rua” e “Avenue” para “Avenida”). [N de. E] (Woolf, trad. Paiva e Fernandes, 2022, p. 5).

Tadeu (Woolf, trad. Tadeu, 2025, p. 213), na introdução a suas notas, inclui uma explicação de teor similar: comenta que a ausência do ponto no pronome de

¹⁵ Para ver os dados completos de cada uma das edições, conferir o Apêndice ao fim deste artigo.

tratamento *Mrs* do título é decorrente do uso abreviado no sistema britânico e que, seguindo a mesma lógica, não utiliza os pontos ao abreviar palavras como *Street* (St) e *Saint* (St).

Já na edição da Lafonte, os comentários são relacionados a escolhas estilísticas do texto em português brasileiro, justificadas, de forma parecida, pelos usos em inglês. A primeira nota, logo no início do romance, indica: “Foi mantido ao longo do livro o estilo da autora, que opta em utilizar, em alguns momentos, letras minúsculas para iniciar frases, entre outros recursos criados para fazer fluir ou interromper os pensamentos das personagens. (N. da T.)” (Woolf, trad. Buzzetti, 2020, p. 25).

Menciona-se, ainda, a edição da Martin Claret, que apresenta um posfácio de Pereira não só discutindo as escolhas das duas tradutoras, mas oferecendo a leitoras/es uma reflexão teórica sobre tradução, com base, sobretudo, nas discussões e nos conceitos de estrangeirização e domesticação, de Lawrence Venuti (2019). Dentre as questões abordadas, Pereira inclui as diferentes possibilidades na tradução do romance, como a inserção ou não do ponto no pronome de tratamento da protagonista, que, ao contrário de Tadeu, é mantido em sua forma inglesa ao longo do texto. Essa estratégia é assim comentada, pois “traduzir esse tratamento por ‘Sra.’ [...] implicaria alterar o modo como o romance vem sendo inscrito na tradição literária (mesmo a brasileira) e iria contra nossa inclinação geral para a estrangeirização [...].” (Pereira, *In Woolf*, trad. Pereira e Orberg, 2021, p. 244).

Por fim, neste ano de centenário, é indispensável registrar as duas edições comemorativas lançadas em celebração ao romance: a edição revisada da tradução de Tomaz Tadeu; e a tradução inédita de Ana Carolina Mesquita.

Figura 10 – Editora Autêntica, edição comemorativa (2025)

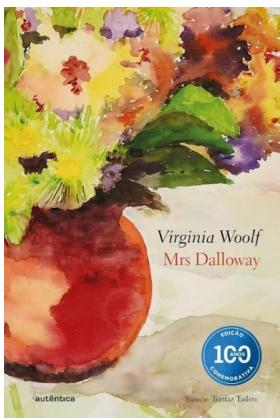


Figura 11 – Editora Nós, edição comemorativa (2025)



A capa da Autêntica (uma versão diferente da publicada em 2012, cuja nova imagem é uma aquarela de Guacira Lopes Louro) vem com um selo metalizado escrito “Edição comemorativa 100 anos”, ao passo que a edição da Nós contém a indicação “Edição comemorativa de 100 anos” no rodapé da quarta capa, logo abaixo do nome da tradutora (“Tradução, notas, apresentação e apêndice Ana Carolina Mesquita”). Os esforços para louvar a longevidade do romance não são poupadados e fazem parte da estratégia de divulgação dessas publicações recentes.

Considerações finais

Vemos, portanto, que as onze traduções – e inúmeras reedições – podem ser tão diversas quanto seus leitores, passando por livros de diferentes tamanhos e preços, monolíngues ou bilíngue e com mais ou menos textos de acompanhamento: apresentações, prefácios e posfácios, a introdução escrita pela própria Woolf, notas que abordam contextos históricos, intertextualidade, escolhas tradutórias ou comentários sobre as diferentes versões do romance.

Ademais, quem traduz parece encontrar em *Mrs Dalloway* uma oportunidade para articular discussões críticas e teóricas sobre seu trabalho, como comprovado pelas inúmeras notas e os textos tratando de estratégias e decisões tomadas durante o processo de tradução. Esse movimento de análise e exploração encontra um espaço propício às margens do romance, tendo em vista que reflexões tradutórias ainda eram incomuns ou pouco exploradas pelas editoras e/ou tradutoras/es, como observado na primeira edição de *MD* em 1946.

LACERDA, M. L. Brazilian translations of Virginia Woolf: *Mrs Dalloway's Paratexts from a Book History Perspective*. **Itinerários**, Araraquara, n. 61, p. 167-184, jul./dez. 2025.

■ **ABSTRACT:** This research analyses editions of *Mrs Dalloway* published in Brazilian Portuguese between 1946 and 2025. Drawing on Robert Darnton's (2010) concept of the communications circuit, the international literary field (Casanova, 2002a, 2002b) and the idea that publishing houses are vital agents in the sociology of translation (Sapiro, 2008), it establishes a direct relationship between the history of translation and the publishing history in Brazil. The aim is, therefore, to explore a perspective that understands paratexts as integral components of the editorial process, alongside the contributions of translators and authors of supplementary texts.

■ **KEYWORDS:** Translation History. Book History. *Mrs Dalloway*. Virginia Woolf.

REFERÊNCIAS

- BACHLEITNER, N. A proposal to include book history in translation studies. **Arcadia**, v. 44, n. 2, p. 420-440, 2009.
- BOTTMANN, D. **Irmãs Brontë, Katherine Mansfield e Virginia Woolf**. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/47759788/Irm%C3%A3s_Bront%C3%AB_Katherine_Mansfield_e_Virginia_Woolf. Acesso em: 20 jun. 2025.
- BOTTMANN, D. Virginia Woolf traduzida no Brasil. **Não gosto de plágio**. 8 ago. 2011. Disponível em: <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2011/08/woolf-no-brasil.html>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- CASANOVA P. Consécration et accumulation de capital littéraire. La traduction comme échange inégal. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 4, n. 144, p. 7-20, 2002a. DOI : <https://doi.org/10.3917/arss.144.0007>
- CASANOVA, P. **República mundial das letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002b.
- DARNTON, R. “O que é a história do livro?” Revisitado. Tradução de Lília Gonçalves Magalhães Tavolaro. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 155–169, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1503>. Acesso em 30 jun. 2024.
- DARNTON, R. O que é a história dos livros? In: **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 122-149.
- GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GRAEBIN, F. **As Quatro Traduções de Mrs. Dalloway de Virginia Woolf para o Português do Brasil**: aspectos estilísticos. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/21607>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- LACERDA, M. “**O destino de um livro**”: Virginia Woolf no Brasil e análise crítica das traduções de *To the Lighthouse*. 2024. 195 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/263566/PGET0616-T.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- LEFEVERE, A. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. London/New York: Routledge, 2016. [1992]
- SAPIRO, Gisèle. Translation and the field of publishing. A commentary on Pierre Bourdieu’s “A conservative revolution in publishing”. **Translation Studies**, v. 1, n. 2, p. 154-166, 2008. <https://doi.org/10.1080/14781700802113473>.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução:** por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Revisão técnica de Stella Tagnin. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

WOOLF, V. **Mrs. Dalloway.** Tradução de Mario Quintana. Porto Alegre: Livraria e Editoria Globo, 1946.

WOOLF, V. **Mrs. Dalloway.** Tradução de Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WOOLF, V. **Mrs. Dalloway.** Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.

WOOLF, V. **Mrs Dalloway.** Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

WOOLF, V. **Mrs Dalloway.** Edição revisada, comemorativa dos 100 anos do romance. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2025.

WOOLF, V. **Mrs. Dalloway.** Tradução de Gabriela Maloucaze. Coleção Folha. Grandes nomes da Literatura. v. 10. São Paulo: Mediafashion, 2016.

WOOLF, V. **Mrs Dalloway.** Tradução de Adriana Buzzetti. São Paulo: Lafonte, 2020.

WOOLF, V. **Mrs Dalloway.** Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira e Katia Maria Orberg. São Paulo: Martin Claret, 2020.

WOOLF, V. **A sra. Dalloway.** Tradução de José Rubens Siqueira. Barueri, SP: Novo Século, 2021.

WOOLF, V. **Mrs. Dalloway.** Tradução de Thaís Paiva e Stephanie Fernandes. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

WOOLF, V. **Mrs. Dalloway.** Tradução de Veríssimo Anagnostopoulos. Dois Irmãos, RS: Clube de Literatura Clássica, 2022.

WOOLF, V. **Mrs. Dalloway.** Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Editora Nós, 2025.

Apêndice. Informações paratextuais das edições de *Mrs Dalloway* no Brasil

Título	Editora	Coleção	Tradutor/a	Ano	Informações da edição	Reedições
<i>Mrs. Dalloway</i>	Globo	Coleção Nobel (v. 66)	Mario Quintana	1946	<p>Foto de Virginia Woolf. Texto na orelha esquerda apresentando a autora.</p> <p>Quarta capa: apresentação de <i>Apenas um coração solitário</i>, de Richard Llewellyn, parte da Coleção Nobel.</p>	<p>Abril Cultural (1972). Nova Fronteira (1980–presente).</p> <p>Edição Nova Fronteira, Coleção Clássicos de Ouro (2021 – 11ª edição): Indicação “Tradução Mario Quintana” e “Apresentação Marília Gabriela” na capa. Apresentação de Marília Gabriela. Mapa da zona central de Londres na década de 1920. Lista com títulos da Coleção Clássicos de Ouro. Três notas de rodapé, com a indicação (N.T.). Textos de orelha apresentando a obra (orelha esquerda) e a autora (orelha direita). Quarta capa com citação retirada da apresentação de Marilia Gabriela.</p>
<i>Mrs. Dalloway</i>	L&PM	Pocket	Denise Bottmann	2013	<p>Texto biográfico sobre Woolf na folha de guarda.</p> <p>“Livros da autora na Coleção L&PM Pocket” (livro de Woolf) e “Leia também na Coleção L&PM Pocket” (livros sobre Woolf).</p> <p>“Uma introdução a <i>Mrs. Dalloway</i>”, de Virginia Woolf.</p> <p>Obras publicadas na coleção pocket (“lançamentos mais recentes”).</p> <p>Quarta capa: “Tradução de Denise Bottmann”; citação de Michael Cunningham; sinopse do romance.</p>	n/a
<i>Mrs. Dalloway</i>	Cosac Naify	Mulheres Modernistas	Claudio Alves Marcondes	2013	<p>Posfácio “O fio tênu da ficção”, de Alan Pauls.</p> <p>Sugestões de leituras.</p> <p>Lista com as obras publicadas na coleção Mulheres Modernistas.</p> <p>Três fotos de Virginia Woolf ao longo do livro (Virginia Woolf, 1926, fotografia de Lady Ottoline Morrell; Virginia Woolf, 1938, fotografia de Barbara Strachey; Virginia Woolf com Lytton Strachey e Goldsworthy Lowes Dickinson, fotografia de Lady Ottoline Morrell).</p>	<p>Companhia das Letras, Penguin-Companhia, Coleção Clássicos (2017).</p> <p>Folha de guarda com texto sobre vida e obra de Woolf, minibioografia sobre Alan Pauls e minibioografia sobre Claudio Alves Marcondes. Prefácio “O fio tênu da ficção”, de Alan Pauls.</p> <p>Sugestões de leituras.</p> <p>Apresentação de quatro outras obras publicadas na coleção Clássicos, incluindo <i>Orlando, uma biografia</i>, de Virginia Woolf.</p> <p>Quarta capa com citação e breve sinopse do romance.</p> <p>“Tradução de Claudio Alves Marcondes” e “Prefácio de Alan Pauls”.</p>

*Virginia Woolf em tradução no Brasil: paratextos de
Mrs Dalloway sob uma perspectiva da história dos livros*

Título	Editora	Coleção	Tradutor/a	Ano	Informações da edição	Reedições
<i>Mrs Dalloway</i>	Autêntica	Mimo	Tomaz Tadeu	2013	<p>“Tradução de Tomaz Tadeu” na sobrecapa. Textos de orelha na sobrecapa apresentando a obra (orelha esquerda) e a coleção (orelha direita).</p> <p>[Textos inseridos após o texto do romance:] “Uma introdução a <i>Mrs Dalloway</i>”, de Virginia Woolf. “Mrs Dalloway e Mrs Brown: a arte de Virginia”, de Tomaz Tadeu. “Virginia Woolf: uma vida”, de Tomaz Tadeu. “Cronologia” “Índice onomástico” “Notas”, com introdução e 93 notas de fim. “Notas ao mapa de Londres” “Referências” Ilustração do mapa de Londres na guarda e folha de guarda frontais e traseiras (desenhos de Mayra Martins Redin).</p>	<p>Edição comemorativa de 100 anos. “Tradução de Tomaz Tadeu” na capa. “Tradução revisada” na folha de rosto. Excerto da obra na quarta capa e lista de outros livros de Woolf publicados pela editora. “Os cem anos de <i>Mrs Dalloway</i>”, de Tomaz Tadeu “Uma introdução a <i>Mrs Dalloway</i>”, de Virginia Woolf.</p> <p>[Textos inseridos após o texto do romance:] “Índice onomástico” “Notas”, com introdução e 98 notas de fim. Capa com aquarela de Guacira Lopes Louro.</p>
<i>Mrs. Dalloway</i>	Folha de S. Paulo	Clássicos mundiais da literatura (v. 10)	Gabriela Maloucaze	2016	<p>Nota do editor. Sete notas de rodapé, com a indicação (N.T.). Lista da “Coleção Folha Grandes Nomes da Literatura”, com 28 títulos. Texto de Manuel da Costa Pinto, com a indicação “crítico literário e columista da Folha” na quarta capa.</p>	n/a
<i>Mrs Dalloway</i>	Martin Claret		Eliane Fittipaldi Pereira e Katia Maria Orberg	2021	<p>Prefácio “Mergulho em <i>Mrs Dalloway</i>”, de Eliane Fittipaldi Pereira. Posfácio “Sobre a dor e a delícia de traduzir <i>Mrs Dalloway</i>”, de Eliane Fittipaldi Pereira. Trinta notas de rodapé, com a indicação (N.T.), à exceção de quatro, sem indicação. Quarta capa com apresentação do romance.</p>	n/a
<i>Mrs Dalloway</i>	Lafonte		Adriana Buzzetti	2021	<p>Textos de orelha apresentando a obra (orelha esquerda) e a autora (orelha direita). Treze notas de rodapé, com a indicação (N. da T.). Quarta capa com apresentação do romance.</p>	n/a

Título	Editora	Coleção	Tradutor/a	Ano	Informações da edição	Reedições
<i>A sra. Dalloway</i>	Novo Século	Box Vozes de Virginia Woolf	José Rubens Siqueira	2021	Suplemento de leitura de Maria Aparecida de Oliveira. Textos de orelha com o <i>incipit</i> (orelha esquerda) e texto de apresentação sobre Woolf (orelha direita). Quarta capa com texto de apresentação do romance.	n/a
<i>Mrs Dalloway</i>	Editora literatura clássica	Clube de Literatura Clássica	Veríssimo Anagnostopoulos	2022	Prefácio de Rosalia Angelita Neumann de Garcia. Livreto com “A festa de Mrs Dalloway”. 295 notas de rodapé. Edição bilíngue espelhada. Imagens de Londres ao longo do livro (sem créditos na ficha catalográfica).	n/a
<i>Mrs. Dalloway</i>	Antofágica		Thais Paiva e Stephanie Fernandes	2022	Apresentação de Mellory Ferraz. Posfácio “Nota da ilustradora”, de Sabrina Gevaerd. Posfácio “Toda a vida em um só dia”, de Ana Carolina Mesquita. Posfácio “O êxtase das pequenas coisas”, de Carola Saavedra. 113 notas de rodapé, sendo uma delas com a indicação (N. de E.). Ilustrações de Sabrina Gevaerd ao longo do livro. Quarta capa com uma citação do romance.	Coleção de bolso (2023). Apresentação e três posfácios disponíveis on-line, com acesso via QR Code.
<i>Mrs. Dalloway</i>	Nós	Obras de Virginia Woolf	Ana Carolina Mesquita	2025	“Introdução”, de Virginia Woolf (anexo). “Apresentação Ou: essa coisa chamada vida”, de Ana Carolina Mesquita. Apêndice, com trechos selecionados dos diários. “Nota sobre a tradutora”. “Agradecimentos”. Textos de orelha apresentando o romance (orelha esquerda e parte da direita) e a autora (orelha direita). Quarta capa: citação do romance; “Tradução, notas, apresentação e apêndice Ana Carolina Mesquita”; “Edição comemorativa de 100 anos”. Seis notas de rodapé na “Apresentação” de Mesquita, 107 notas de rodapé no romance, 14 notas de rodapé no “Apêndice”.	n/a

